

# MUITAS RAÍZES E ALGUM FRUTO

Marcos Martins Lopes<sup>1</sup>

Este depoimento que abrange sinteticamente um arco de tempo que cobre 50 anos (1968 até hoje), ou seja, dos primeiros registros gráficos da infância até as obras da atualidade, trazem em si o papel de relatar traços comuns no processo de criação que estão intimamente ligados ao seu autor. Possui, sobretudo, um compromisso maior em expor trajetos percorridos, pelo modo como são concebidas as obras, do que propriamente apresentá-las com rigor crítico — já que nunca se conseguiria, pois me parece impossível a dissociação entre o artista e sua criação. Penso que os caminhos, exclusivamente pessoais que levam à concepção e desenvolvimento já são parte de uma obra. Considero que uma vez concebida, constituem na realidade dois corpos de obras: uma primeira, móvel, física, que tem suas asas afeitas aos materiais e suportes e encontra pouso intencional em determinado ambiente, à luz da observação, sempre mantendo sua condição de instigar o observador. E quanto à segunda, embora invisível ou desconhecida pelos olhos do observador, possui importância fundamental, pois se estabelece às custas das experiências vividas e significativas pelo artista, estabelecendo-lhe parâmetros para alçar voos maiores em suas criações. Para tornar compreensível essa gênese, resolvi por melhor relatar alguns registros pontuais nesse longo período, abrangendo três etapas: a primeira que vai da infância ao ingresso na faculdade (1968-1980), durante (1981 a 1986) e após minha graduação na Belas Artes de São Paulo (1987 até hoje).

## **Primeira Etapa: de 1968 a 1980**

A iniciativa de registrar sempre me seduziu; perceber o mundo pelo olhar, memorizar o que foi visto e sentido; desenhar, representar e expressar a imagem desse impacto visual. Constantemente, o desenho foi uma decorrência, uma via para a fala da memória, para registrar um lugar ou tempo que de algum modo sensibilizava-me pelo entusiasmo do seu fazer ou simplesmente consagrar a experiência do momento. Esse método tão natural de percepção que me levava a memorizar as vivências e que completava seu ciclo quando eu já em casa, sentado à mesa da cozinha, registrava entusiasticamente os fatos através da linguagem do desenho, era algo tão natural, que ocorria como um modo de recontar para mim mesmo tudo o que era visto, vivido, com o bônus do incremento do devaneio, incorporando livremente formas, linhas e cores. Assim, poderia se dizer que este método natural de conduzir a percepção à ponta do lápis, ocorreu-me durante toda a infância e adolescência, até chegar o momento de ingressar na vida universitária. Até então desenhos se acumulavam em folhas esparsas de papel, em pequenos cadernos de desenho, que em muitos havia registros de toda sorte de fatos, cotidianos ou marcantes; desde as idas até a “cidade”, (centro de São Paulo) com meus pais, os passeios até o porto de Santos, até os animais selvagens, de paragens distantes das quais meu avô nos relatava de suas fascinantes expedições ao Mato Grosso e Paraguai.

---

<sup>1</sup> É artista plástico, formado em Arquitetura e Urbanismo (Belas Artes 1985); mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Mackenzie, em 2016 e especialista em História da Arte pela FAAP, em 2006;

A constante e natural vivência do fluxo entre realidade objetiva e subjetiva, somados ao caráter pitoresco das situações que me atraíam, foram fundamentais para a certeza de estabelecer ali uma linguagem dotada de um abecedário gráfico adequado para se representar e exprimir a experiência vivida numa imagem. A título de tornar mais compreensível meu discurso, apresento abaixo um exemplo desse primeiro período, que data de 1968, quando eu contava com oito anos:



Acima: “Desenho do Banco do Estado”, datado de 26/06/1968. Desenho e arquivo do autor.

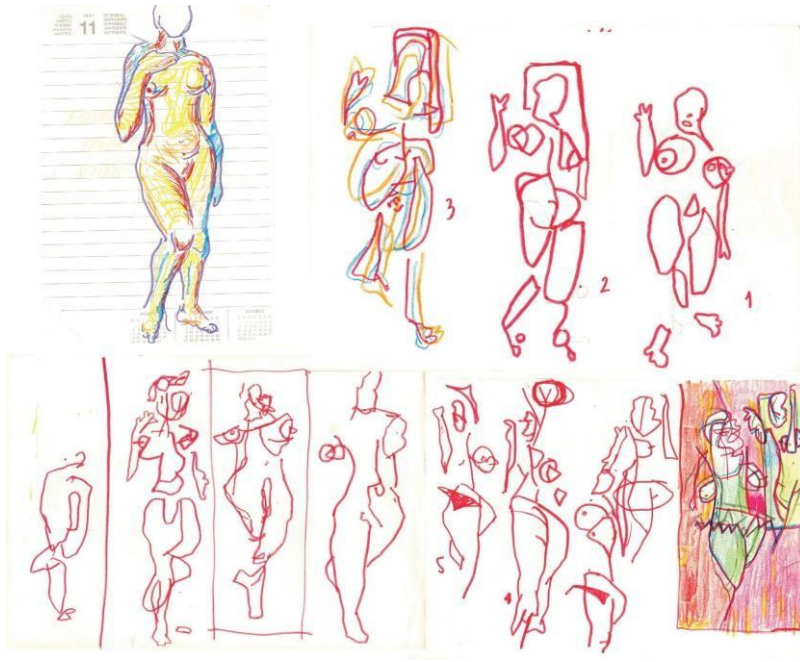
As constantes idas ao centro de São Paulo, nas décadas de 1960/70, sempre foram experiências marcantes de minha infância, pois São Paulo continha, ainda, um fôlego para perspectivas das mais prósperas, que despertava no imaginário de toda uma população, uma metrópole ideal para se viver com qualidade de vida, pois contava com um número maior de benefícios do que problemas. Vivia-se num espaço único no país, pois aqui havia um caráter de simultaneidade nas atividades, no comércio, equipamentos acontecimentos, indústrias, transportes diversificados, vias, arquiteturas, lazeres, natureza, tipos humanos, etc. Depois disso, na década de 80 em diante, sobreveio a constante manutenção de uma cidade que não mais pararia de crescer em tamanho e problemas, contando com o esgarçamento dos bairros para a periferia, o descontrole na manutenção da infraestrutura frente a uma demografia crescente e o paulatino abandono do Centro. No registro acima, os ícones desse pujante contexto fixaram-se paulatinamente em minha memória e que comparecem fielmente, tendo ao centro o edifício Altino Arantes (em verde), à esquerda o Banco do Brasil (entre estes dois edifícios, a cúpula da Catedral da Sé).

Do lado direito aparece o edifício ABI, a escultura em amarelo (“A Musa”, de Amadeo Zani) e as palmeiras reais da praça ao lado do Teatro Municipal. Considerando toda a representação dinâmica da metrópole, o céu não poderia ficar de fora dessa percepção; a

aeronave “Electra”, que cruzava diariamente os céus, trazendo o contorno de uma lua diurna minguante, as nuvens fofas curvas e um sol pleno e apolíneo. Enfim, esse registro traz para além da imagem um modo de promover o caráter afetivo e noção de pertencimento aos bens observados. Isso se constituiria um imenso respaldo para abarcar outras experiências que viriam ao longo de minha jornada na arte.

### **Segunda Etapa: de 1981 a 1986**

Neste curto período de meia década, quando do meu ingresso à Faculdade de Belas Artes de São Paulo, caracterizado pela renovação em todos os sentidos, tanto no conhecimento de novas amizades seladas pela identidade de gostos, modos de assimilar esse novo ciclo, como principalmente pela aproximação com professores e artistas, foi fundamental para mudar profundamente a percepção e o método que até então eu empregava nos registros. Estes se estabeleceram em outra instância: de serem tratados como um fato poético, ou seja que trazem em si e em nome de sua forma de expressão uma camada de significados pessoais e universais, que até então eram destituídos. Com as aulas de Desenho de Expressão e Plástica da Imagem e do Objeto, do primeiro ao último ano da graduação, foram incorporadas as noções de composição da imagem, da percepção dos materiais e das teorias e história da arte; esses conhecimentos, sem precedentes, incorporavam-se avidamente como novíssimo repertório para mim. A presença dos mestres e artistas Flávio Império e Ubirajara Ribeiro, Renina Katz e Marcelo Nistche, Vicente Di Grado, dos críticos Alberto Tassinari, Rubens Machado Jr, os arquitetos, como Juan Villá, Rodrigo Lefèvre, Antonio Sergio Bergamin, Vespaziano Puntoni, entre outros, contribuíam a uma constante renovação dos pontos de vista, imbuídos de repensar o fazer artístico arquitetônico, muito mais do que textos e teorias, permitindo a livre experiência dos materiais em contato com a superfície, de maneira a questionar os métodos e processos artísticos feitos até então. Somado a tudo isso, ressoavam no período de 1981 a 1986, novos ecos sobre contexto intelectual daquele momento, com as questões do pós-modernismo na arquitetura e potencializadas nas artes visuais com o neoexpressionismo. Como demarcação dessa época em nossas mentes, fincou-se a bandeira sobre os escombros do Muro de Berlim a romper com o totalitarismo, além de pontuar a abertura política no Brasil. A soma desses fatores, pessoas, conhecimentos e diferentes culturas, incorporam-me rápida e indelevelmente para além da vida acadêmica: a servir de parâmetros nas diversas lidas artísticas. A seguir, apresento dois exemplos relacionados a este dinâmico período. Trata-se de uma série de estudos de observação da escultura de Galvez, que ainda se encontra no edifício da Pinacoteca do Estado.



Acima: estudos de tema e variações sobre a escultura de Galvez, em caneta hidrocor sobre papel. Desenho do autor, 1984.

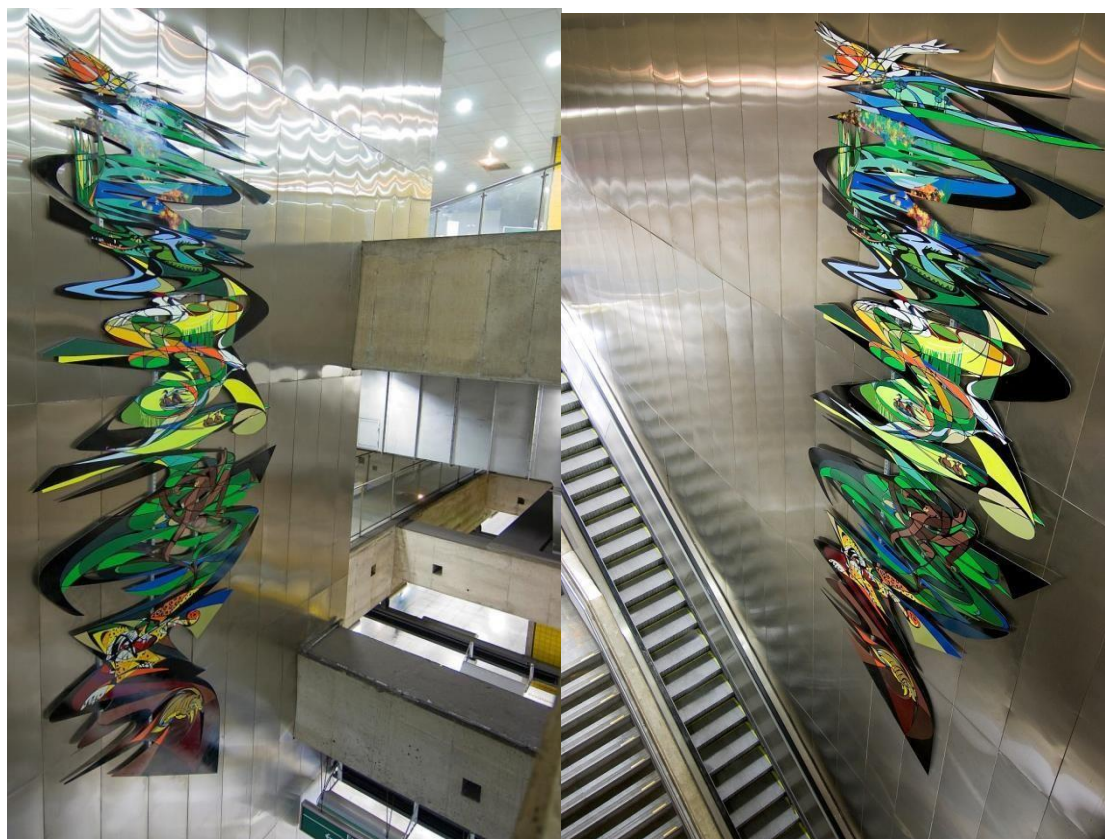
Com a finalidade de questionar a ideia de belo, o desenho tinha como meta em seu processo expandir-se para outras maneiras de representação e expressão. Um grupo de colegas e eu realizávamos nos horários fora das aulas e com o apoio dos professores Flávio Império e Ubirajara Ribeiro, registros dos bens artísticos espalhados pelo prédio da faculdade (que hoje abriga a Pinacoteca do Estado). Fazíamos inicialmente um desenho de observação do modelo ou objeto conforme os parâmetros acadêmicos e após uma série de estudos, decompúnhamos as formas, levando-as ao limite dos conceitos de formalidade, de cor, de fundo, suporte e material, a fim de instituir uma nova visualidade, desde que evidenciada sua expressão. Como apoio moral e conceitual para essas incursões gráficas, ressoava-se nos meios culturais a atmosfera vigente do Neoexpressionismo e o Pós-Modernismo, então presente em Bienais de arte e nos principais museus do mundo. Tal liberdade era chancelada pela divulgação em vídeos exclusivos apresentados nas aulas das obras de De Kooning, Grupo Kobra, Dubuffet, Gorki, Pollock, Fontana, Richter, então amplamente discutidos entre professores e alunos após sua exibição.

### **Terceira Etapa: de 1986 até hoje**

De 1986 em diante, apesar de graduado e trabalhando algum tempo como arquiteto, o interesse pela arte e seu fazer prevaleceu, possibilitando a sua exploração por meio de novos suportes e técnicas adquiridas nas diversas vivências e experimentações artísticas acumuladas, como os ateliês-escolas (gravura-MAM, Carlos Fajardo entre outros), participação em coletivos de arte (com Alexandre Delijaicov, Eduardo Aquino e Cristina Guerra, entre outros) e desde 1994 ministrando aulas de Desenho e Plástica no curso de Arquitetura e Urbanismo do atual Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, outrora Faculdade de Belas Artes de São Paulo.



Essa combinação de atividades permitiu-me explorar no desenho e na pintura variados aspectos temáticos e técnicos, os quais exemplifico através de duas vertentes de trabalho que realizo atualmente. A primeira, no campo da pintura sobre tela, pesquisando os limites entre figuração e abstração, através da cor, tendo como referência as pesquisas sobre o cubismo e o impressionismo, que colaboraram para a concepção das obras que denomino de “Paisagem-Luz”. Nesta série, a cor é construída por camadas de tintas que se acumulam, a fim de gerar outras tonalidades, como que uma velatura. O espaço pictórico é determinado pela composição de campos quadrangulares que tem como motivo as paisagens da natureza. Na segunda vertente, os trabalhos situam-se num campo mais formal e gráfico, não por isso limitando ao suporte do papel, mas explorando os limites da forma por meio de grandes painéis recortados e vazados em chapa de ferro, mdf ou acrílico, denominados de “Recortes”, onde são representadas formas desconstruídas de temas como flora, fauna, paisagens naturais e urbanas.



Acima : duas vistas do painel Flora fauna, 750 x 300 cm, em pintura automotiva sobre chapa de alumínio, 2009. Estação do Metrô Chácara Klabin. Foto: Marcello Minemoto.



Ilustração x: “Luz-Amazonas”, 500x80 cm, pintura acrílica sobre tela , 2007, da série “Paisagem-Luz”. Foto do autor.



Acima: painel díptico “Luz-Amazonas”, 500x80 cm e abaixo, painel díptico “Luz-Mangue”, 500 x 80cm, ambos em pintura acrílica sobre tela , 2007, da série “Paisagem-Luz”. Foto do autor.



Ilustração x : à esquerda, “Luz-Primavera”, 100x100cm, 2016. À direita, “Luz-Hiléia”, 140 x140cm, ambas da série Paisagem-Luz, pintura acrílica sobre tela. Foto do autor.